

# REFLEXÕES SOBRE IMAGENS EM LIVROS DIDÁTICOS

Rosana Goretti Villa Verde\*

## Resumo

Este ensaio propõe uma reflexão por parte dos professores de línguas estrangeiras quando da adoção de manuais didáticos e tem como base de pesquisa o livro “Civilisation Progressive du Français”, publicado em 2002 pela editora CLE International.

**Palavras-chave:** Imagens. Interdiscurso. Manuais didáticos. Ufanismo.

## INTRODUÇÃO

Aguçada a curiosidade de se pesquisar o porquê das imagens supervalorizadas que, entre outros povos, os brasileiros têm da França, dos Franceses e da língua Francesa, analiso como se processa a formação dessas imagens no Brasil através dos manuais didáticos. Despertam minha atenção os livros que compõem a coleção “*Grammaire Progressive du Français*” (Editora CLE International), pela sua ampla utilização como manual paradidático na Universidade Federal do Rio de Janeiro. Em 2002 foi lançado na França mais um volume dessa coleção, intitulado “*Civilisation Progressive du Français*”. Entendi estar ali o material necessário para o estudo e início a pesquisa pela análise do título.

## PERSPECTIVA TEÓRICA

A respeito do termo “*civilisation*”, Émile Benveniste, na obra “*Problemas de Linguística Geral*” (1976), demonstra que a primeira incursão desse termo aparece somente no século XVIII, sendo utilizado como termo de prática judiciária (“fato de tornar civil um processo judiciário”). Nesse século começa-se também a usar a palavra civilização para designar “movimento coletivo da realidade humana na passagem do estado natural ao estado de cultura.” (GUSDORF, 1971, p.361).

Nos fins do século XVIII, a Revolução Francesa, pregando o universalismo das ideias francesas, ajudou na divulgação desse sentimento uniforme de civilização mas, por conseguinte, fez com que emergisse a consciência de uma pluralidade de culturas provocada, até mesmo, pela conscientização dos imigrantes de suas próprias especificidades culturais e pela natural rejeição em aceitar o nacionalismo exarcebado dos franceses.

Dessas noções chega-se à precisa distinção entre civilização, no singular, significando o horizonte da aventura humana e o termo no plural, relacionado à vontade de cada grupo em compartilhar os mesmos ideais.

No século XIX, os conceitos de civilização modificam-se, passando a referir-se ao arsenal de que dispõe uma cultura, uma sociedade, para conservar-se e progredir, sendo que a partir desta época começamos a encontrar as “Nações Europeias” como exemplo de civilização.

\* Professora do Colégio de Aplicação João XXIII (UFJF), doutoranda em Linguística pela UFRJ. [rossanagoretti@yahoo.com.br](mailto:rossanagoretti@yahoo.com.br)

O ensino da língua francesa tem suas origens na Idade Média e um sólido vigor no século XVI, XVII e XVIII. Entretanto, ensinava-se “Civilização” de maneira indireta, através dos costumes, provérbios e citações dos literatos estudados. No século XIX, o desejo de acesso à civilização francesa, vista na época como símbolo de cultura, liberdade e fraternidade (pelos pensamentos advindos da própria Revolução Francesa), aumenta a procura pelo aprendizado dessa civilização considerada “superior” e “evoluída”, segundo Reboullet (1973). Esta postura, que colocou a França como um país de cultura superior, permanece e, no século XX, encontramos no livro didático “*Cours de Langue et Civilisation Françaises*” (G. MAUGER, 1953) os seguintes dizeres do Secretário Geral da Aliança Francesa, M. Blancpain, em seu prefácio:

“Nous croyons, à l’Alliance française, savoir pourquoi les citoyens des Nations d’outre-mer et les élites étrangères étudient le français. Ce n’est pas pour nouer, entre eux, des échanges rudimentaires. Ce n’est pas pour rendre plus commodes leurs voyages ou leurs plaisirs de touristes. C’est d’abord pour entrer en contact avec une des civilisations les plus riches du monde moderne, cultiver et orner leur esprit par l’étude d’une littérature splendide, et devenir, véritablement, des personnes distinguées. C’est aussi pour avoir à leur disposition la clé d’or de plusieurs continents et parce qu’ils savent que le français, langue belle, est en même temps langue utile.”

Vê-se, por esse rápido histórico, o desejo de inserção de uma cultura distinguida como “superior”. Contudo, questionamentos se colocam, como por exemplo: Qual a razão do uso do termo “civilização” e não “cultura” para se falar da história cultural da França?

A palavra “cultura” pode ser analisada por vários prismas, fazendo-se necessário delimitar nosso campo

de interesse. Assim, nosso interesse fixa-se na cultura coletiva, estudada pelo ponto de vista das ciências humanas ou das ciências sociais. No primeiro caso, define-se como a “representação que um grupo social faz de si mesmo e dos outros através de suas produções materiais, quer sejam, suas obras de arte, sua literatura, suas instituições sociais ou ainda os objetos de seu viver cotidiano e os mecanismos destinados a assegurar sua perenidade e transmissão”. (*Le Français dans le Monde*, 1995, p. 55). No segundo, significando um “conjunto de atitudes e de crenças, as maneiras de ver, os comportamentos, as lembranças comuns aos membros da dita comunidade” (MOSTRAND, in *Le Français dans le Monde-Méthodes et Methodologies*, 1995, p. 55).

As duas definições, contudo, não explicam as razões pelas quais alguns valores são reconhecidos e aceitos enquanto outros não. Com base nas afirmações de Kramsch (in *Le Français dans le Monde*, 1996), podemos observar que a cultura material e o compartilhar de conhecimentos não são adquiridos naturalmente, visto que eles exigem uma mediação linguística constante e têm que ser notados e interpretados por intermédio da língua. Toda cultura espelha-se no discurso e a língua desempenha um papel crucial, não somente na elaboração, mas também na evolução da própria cultura.

Estudos históricos feitos no século XIX mostram a tentativa de hierarquizar as culturas humanas. Haveria etapas sucessivas de evolução pelas quais passariam as culturas. Para José Luiz dos Santos, antropólogo brasileiro, as sociedades indígenas da Amazônia poderiam ser classificadas no estágio da selvageria, enquanto reinos africanos estariam no estágio de barbárie; quanto à Europa, seria classificada no estágio de **civilização**, pois ela já teria passado pelas duas outras etapas.

Santos (1994) esclarece também que, com o passar do tempo, as palavras cultura e civilização começaram a ser usadas indistintamente, significando os aspectos materiais da vida social, o mesmo ocorrendo com o universo de ideias, concepções, crenças. Contudo, usu-

almente, reserva-se o termo *civilização* para fazer referência a *sociedades poderosas, de longa tradição histórica e grande âmbito de influência*.

As tentativas de classificação de culturas não dizem respeito apenas à justificação do domínio das sociedades europeias capitalistas da época. Ideias racistas juntavam-se a esses esforços; quase sempre os povos não-europeus eram considerados inferiores, e isso era usado como justificativa para seu domínio e exploração. No século XIX intensifica-se o poder das nações europeias frente aos povos do mundo. Aumentam os contatos entre as nações da Europa industrializadas com países do resto do mundo (SANTOS, 1994). Seguindo esta mesma linha de raciocínio Elias (in ORLANDI, 1990, p. 65) postula que a palavra *civilização* significa “*a auto-satisfação dos povos que há muito já foram além de suas fronteiras e realizaram atividades colonizadoras*.” Essa definição fundamenta-se na história do século XIX (e é sedimentada pelo interdiscurso<sup>1</sup>) onde os aspectos culturais estiveram associados às novas preocupações de conhecimento científico.

No caso do livro didático “*Civilisation Progressive du Français*”, a escolha do termo “*civilisation*” em seu título pode ser explicada através do interdiscurso. Ao longo de dois séculos houve uma evolução do termo *civilização* que, como vimos, em um primeiro momento era visto como *antônimo de bárbaro*, progredindo então para “*conjunto de instrumentos de que dispõe uma sociedade para conservar-se e progredir*.” O que podemos perceber é que tanto o primeiro quanto o segundo sentidos permanecem até os dias de hoje, misturados, confundindo-se, sendo usados indistintamente. Esse fato se explica pela influência do interdiscurso - de dizeres já ditos e esquecidos sobre a origem da palavra. O outro fator de influência do *interdiscurso* relaciona-se aos princípios da Revolução Francesa, por tratar-se de um movimento político e histórico que marcou profundamente a Europa no século XVIII, estendendo o prestígio da Nação Francesa a todo o mundo. Dessa forma, os preceitos por

ela defendidos e expandidos (liberdade, fraternidade e igualdade) levaram-na a ser vista por outros povos como uma nação culturalmente evoluída. O termo *civilização* passa a ser utilizado para expressar esse ideal de cultura - um exemplo para o mundo. Por conseguinte, entendo ser a palavra *civilização* a mais adequada, por representar a passagem do estado natural ao estado de instrução, onde estão inseridas todas as culturas.

Assim sendo, a meu ver, a utilização do termo *civilização* nos manuais didáticos franceses preparados para estrangeiros, justificar-se-ia pelo desejo de passar a outros povos o enfoque da cultura francesa como detentora do mais alto grau de evolução - o degrau da *civilização*. Essas reflexões sustentam a hipótese de que o termo *civilização* é maciçamente empregado nos livros didáticos franceses para estrangeiros (como título e subtítulo), por trazer consigo as imagens marcantes, produzidas pelo interdiscurso, da cultura francesa como berço da *civilização* ocidental, como último grau de evolução de uma cultura, e como destino e fim de toda cultura.

Ainda sobre o título, temos o termo “*progressive*”. Para que se compreenda bem sua significação é preciso antecipadamente fazer um estudo etimológico do substantivo “*progrès*” (progresso), posto que dele deriva o adjetivo em questão. Pelo examinado é difícil precisar a época do aparecimento da palavra *progresso*. Sabe-se que Sêneca, filósofo romano nascido quatro anos antes de Jesus Cristo, fez uma análise do *progresso das ciências*. Verifica-se que nessa época o vocábulo “*progresso*” estava sempre relacionado ao conhecimento do cosmos, assujeitado à lei da circularidade. Tal qual o sol, passava por fases de crescimento até o apogeu, seguido de um declínio. Assim, nos primeiros séculos da era cristã, Santo Agostinho e após ele, São Thomas de Aquino, filósofos desse tempo, pregavam que o ser humano evoluía de acordo com sua idade, não parando de crescer até seu aperfeiçoamento numa era futura. Visão do homem como ser único.

Caminhando na história, podemos ressaltar que Francis Bacon é o primeiro filósofo a estudar a ideia de progresso. Para ele, o progresso deve ser compreendido como uma conquista racional, onde há a possibilidade de conciliação entre o “Deus todo-poderoso” e o livre-arbítrio do homem, a quem é dada a tarefa de promover a cultura.

O Renascimento retoma os valores da cultura antiga fazendo surgir no final do século XVI o Humanismo, cujo questionamento coloca o homem como centro dos valores e criador de cultura. A ele é dada a consciência de um progresso que rompe com uma “predestinação transcendente”. Essa nova visão de progresso, tendo o homem na sua origem, leva o ser humano a uma posição otimista em relação a esse termo.

Já no século XIX, a influência do pensamento do naturalista inglês Charles Robert Darwin leva outros filósofos a defenderem a concepção de progresso, segundo a qual as espécies atualmente existentes são o resultado de uma longa e gradual adaptação evolutiva de espécies mais antigas. Tendo por base esse princípio, passa-se a encarar a humanidade dentro de um processo evolutivo que a faz melhor e mais feliz a cada dia. Entretanto, o advento das duas guerras mundiais abalou essa visão de um caminhar inevitável ao sucesso. Nesse sentido, o século XX passou por um colapso da ideologia do progresso, deixando um enorme vazio, cujo preenchimento talvez seja a principal tarefa do próximo século. Assim sendo, podemos concluir que a palavra progresso encontra-se sempre ligada à evolução da humanidade para um mundo melhor, onde o progresso científico acompanha o progresso tecnológico e o progresso moral.

Passando da palavra “progresso” à palavra “progressiva” encontramos definições referindo-se àquilo que avança sem interrupção, àquilo que se desenvolve por graus, em bem ou mal, àquilo que cresce proporcionalmente ao desenvolvimento de outro objeto, que avança sem interrupção. Através desses conceitos podemos perceber que o sentido que perdurou da palavra progres-

so, levando-nos à compreensão da palavra *progressiva*, foi aquele de algo que se desenvolve por graus, que está sempre em constante evolução e desenvolvimento. Podemos deduzir daí que a visão otimista de progresso advinda do século das Luzes persiste até nossos dias, mesmo após ter passado por crises, provocadas por grandes acontecimentos nefastos como as duas guerras mundiais que marcaram o século XX.

Se a palavra progressiva apresenta os sentidos acima descritos, o que se espera de um livro que tem como título “*Civilisation Progressive du Français*” é que apresente graus de evolução da civilização estudada, ou até mesmo o desenvolvimento desta ao longo de seus textos. Como cada tópico pode ser estudado e trabalhado de maneira independente, conforme dito pelo autor no prefácio do livro, não existe qualquer sequência a ser seguida de maneira progressiva. O professor pode trabalhar cada tema separadamente sem que haja qualquer ligação entre os textos. Assim, o caráter “progressivo” não se confirma. Pensamos na possibilidade de uma progressão dentro de cada texto, mas somente os textos que estão ligados a fatos históricos fazem menção a datas e fatos ocorridos no passado. Entretanto, são informações dadas aleatoriamente, não partindo de explicações mais simples àquelas mais elaboradas, que nos levem a entender o fato ocorrido. As datas são lançadas sem que haja um encadeamento das idéias, ou desenvolvimento por graus ou etapas. Como mencionado anteriormente, o que se percebe é uma apresentação cronológica das informações, como se o aluno estrangeiro já detivesse algum conhecimento da cultura francesa. Tal postura é, no mínimo, descuidada por parte dos autores do manual, já que em seu prefácio temos a explicação de que ele foi feito para atender estudantes que tenham adquirido uma competência básica em Língua Francesa e não em Civilização Francesa.

Ao pensarmos em um discurso, temos que considerar seus elementos estruturantes. Ele possui na base

de seu funcionamento não somente o fator linguístico. É impossível analisar um discurso como uma sequência linguística fechada em si mesma. Todo discurso fundamenta-se, segundo Orlandi (2001), nas condições de produção que são formadas também pelas *formações imaginárias*. Essas se constituem pela *relação de sentidos*, pela *relação de forças* e pela *antecipação*. A relação de sentidos refere-se ao fato de que um discurso está em constante relação com outros discursos que o sustentam (interdiscurso) ou com dizeres imaginados ou possíveis. A relação de forças está relacionada aos sujeitos do discurso. Cada dizer possui uma determinada autoridade. No título em questão, por exemplo, os dizeres formalizam uma ideia muito diferente daquele mesmo dizer escrito em um caderno ou em uma folha de papel qualquer, posto que sua presença no manual didático é validada pela autoridade das instituições que o sustentam: A Editora, o Autor e o Ministério da Educação Francês, que autoriza sua edição. Já o processo de antecipação regula o mecanismo de argumentação de um discurso: nossos dizeres serão preparados de tal ou tal maneira, de acordo com o interlocutor em questão.

As condições de produção e as formações imaginárias vêm nos mostrar que o discurso é regulado por fatores intrínsecos e extrínsecos. Extrínsecos, posto que todo discurso origina-se em um outro discurso anônimo, que passa a fazer sentido nas palavras daquele que o profere. É intrínsecos, já que quando proferimos um discurso, o que estamos transmitindo não é necessariamente uma informação que é passada de “A” (o autor) para “B” (o leitor), mas um “efeito de sentido” entre “A” e “B”. Ou seja, a mensagem transmitida é um objeto imaginário, do ponto de vista do sujeito, considerando-se que ela poderá ser percebida diferentemente por “A” ou “B”. A esse fato devemos acrescentar ainda que “A” e “B” ocupam lugares que estão *representados* no processo discursivo. Segundo Pecheux (1997, p.82), observa-se no discurso “uma série de formações imaginárias que de-

signam o lugar que “A” e “B” se atribuem cada um a si e ao outro, a imagem que eles se fazem de seu próprio lugar e do lugar do outro”. No título observa-se a imagem que o autor do livro didático tem de si - como alguém que domina profundamente a história da França, de seu povo e sua cultura. Salienta-se a imagem que ele faz do manual didático - como objeto transmissor dessa cultura. E, finalmente, transparece a imagem que ele faz do leitor, como aquele que se instruirá ao entrar em contato com uma cultura rica e desenvolvida como a francesa. Cumpre-nos examinar também a imagem que o leitor faz de seu objeto de estudo, o manual didático, instrumento importante para o seu enriquecimento cultural, não elaborando, na maioria das vezes, uma observação crítica desse material. Ressalta-se ainda a imagem que o leitor faz de si mesmo, que no tocante ao povo brasileiro, é geralmente uma imagem desvalorizante. Quanto às culturas estrangeiras, a tendência é de respeito e valorização. Todos esses efeitos de sentidos, essas imagens, fazem com que o discurso tenha uma recepção completamente diferente de acordo com seus interlocutores.

Acreditamos, portanto, que o uso do termo *progresso* sustenta-se tanto no desejo de dar continuidade aos títulos dos outros quatro volumes da mesma coleção: “*Grammaire Progressive du Français*” (I, II e III) et “*Phonétique Progressive du Français*” quanto na visão francesa da palavra “*progressive*”, derivada de “*progrès*”, onde está implícito o sentido daquilo que se desenvolve por graus, daquilo que está sempre em constante evolução e desenvolvimento. Assim, ao utilizar o termo, o autor reforça o sentido de *progresso*, implícito também na palavra *civilização* constante do título. Nesse entendimento, temos em um só título duas palavras que carregam em seu conceito o sentido de progresso. Tal procedimento leva-nos a questionar até mesmo o sentido do termo *civilização*, designado como o grau de progresso/evolução a que chega uma cultura. Entende-se que o desejo do autor foi ampliar

o sentido do termo, como se civilização pudesse abraçar um conceito mais amplo, ou seja, um “Progrès Progressif du Français”.

## REFLEXION ABOUT THE ADOPTION OF DIDACTIC MANUALS

### Abstract

This paper proposes to the foreign language teachers a reflection about the adoption of didactic manuals. Its main research basis is the one named “*Civilisation Progressive du Français*”, published by CLE International editors.

**Keywords:** Images. Inter-discourse. Didactic manuals. Ufanism.

### NOTAS

- 1 O interdiscurso define-se pela relação de um discurso com outros discursos. Ao falar ou escrever, o discurso é marcado pelo “já-dito”. Segundo ORLANDI (2001), “todo discurso relaciona-se a outros já ditos e esquecidos, pronunciados em outros lugares, independentemente”.

### REFERÊNCIAS

- AUGÉ, Paul. *Grand Larousse Encyclopédique en Dix Volumes*. Paris, Larousse, 1963.
- BESCHERELLE, M. *Dictionnaire National de la Langue Française*. Paris, Garnier Frères, 1858.
- BENVENISTE, Émile. *Problemas de Lingüística Geral*. São Paulo, Universidade de São Paulo, 1976.
- COMPAGNON, Antoine. *La Seconde Main*. Paris, Seuil, 1979.
- GADET, F. & HAK T. (Org.) *Por uma Análise Automática do Discurso*. Campinas, Unicamp, 2001.
- GENETTE, Gérard. *Palimpsestes*. Paris, Seuil, 1982
- \_\_\_\_\_, *Introduction à l'Architexte*. Paris, Seuil, 1982
- GUSDORF, Georges. *Les Principes de la Pensée au siècle des Lumières*. Paris, Payot, 1971.

KRISTEVA, Julia. *Texte- Qu'est-ce que l'Intertextualité?* Paris, DUNOD, 1996.

LITTRE, Emile. *Dictionnaire de la Langue Française*. Chicago, Encyclopaedia Britannica Inc. Chicago, 1987.

MAUGER, G. *Cours de Langue et de Civilisation Françaises*. Vol. III. Paris: Hachette, 1956.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. *Terra à Vista*. Campinas, UNICAMP, 1990.

OUTHWAITE, William & BOTTOMORE, Tom, *Dicionário do Pensamento Social do Século XX*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar Editor, 1996.

REBOULLET, André. *L'enseignement de la civilisation française*. Paris, Hachette, 1973.

SANTOS, José Luiz- *O que é cultura*. São Paulo: Brasiliense, 1994.

ENCYCLOPAEDIA UNIVERSALIS. Vol. II, III, Encyclopaedia Universalis, France 1980.

VOLTAIRE, François Marie Arouet. *Dictionnaire Philosophique*. Paris, Garnier-Flammarion, 1964.

Enviado em 05 de novembro de 2008

Aprovado em 15 de maio de 2009